

**OS
HOMENS
QUE
NÃO
AMAVAM
AS
MULHERES
STIEG LARSSON**

Tradução

Paulo Neves

5ª edição

1ª reimpressão



COMPANHIA DAS LETRAS

Copyright © 2005 by Stieg Larsson

Título original sueco
Män som hatar kvinnor

Traduzido da edição francesa (Les hommes qui n'aimaient pas les femmes)

Capa
Retina 78

Preparação
Maria Cecília Caropreso

Revisão
Marise S. Leal
Carmen S. da Costa

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Larsson, Stieg, 1954-2004

Os homens que não amavam as mulheres / Stieg Larsson ;
tradução Paulo Neves. — São Paulo : Companhia das Letras, 2015.
— (Millennium ; 1)

Título original : Män som hatar kvinnor.

ISBN 978-85-359-2621-7 (coleção)

ISBN 978-85-359-2616-3

1. Ficção policial e de mistério (Literatura sueca) 2. Romance
sueco I. Título. II. Série.

08-08796

CDD-839.737

Índice para catálogo sistemático:

1. Romances : Literatura sueca 839.737

[2015]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista 702 cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone (11) 3707-3500

Fax (11) 3707-3501

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

SUMÁRIO

Prólogo: sexta-feira 1^ª de novembro, 7

I. Incitação (20 de dezembro a 3 de janeiro), 15

II. Análise das conseqüências (3 de janeiro a 17 de março), 123

III. Fusões (16 de maio a 14 de julho), 251

IV. *Takeover* hostil (11 de julho a 30 de dezembro), 401

Epílogo — acerto de contas: quinta-feira 27

de novembro a terça-feira 30 de dezembro, 505

I. INCITAÇÃO
20 DE DEZEMBRO A 3 DE JANEIRO

*Na Suécia, 18% das mulheres foram ameaçadas
por um homem pelo menos uma vez na vida.*

1. SEXTA-FEIRA 20 DE DEZEMBRO

O processo estava definitivamente encerrado e tudo que podia ser dito fora dito. Ele não duvidara um só instante que seria declarado culpado. A sentença fora pronunciada às dez da manhã desta sexta-feira e agora não restava senão ouvir a opinião dos jornalistas que aguardavam no corredor do tribunal.

Mikael Blomkvist os viu pela fresta da porta e deteve-se alguns segundos. Não tinha vontade de discutir o veredicto cuja cópia acabava de obter, mas as perguntas eram inevitáveis e ele sabia — melhor que ninguém — que elas deviam ser feitas e que era preciso respondê-las. *Eis o que é ser um criminoso*, pensou. *Do outro lado do microfone*. Endireitou-se, pouco à vontade, e tentou sorrir. Os repórteres o receberam e o cumprimentaram gentilmente, um pouco constrangidos.

— Vejamos... *Aftonbladet*, *Expressen*, ТТ, TV4 e... você de onde é?... Ah, sim, *Dagens Industri*. Parece que virei uma celebridade — constatou Mikael Blomkvist.

— Uma declaração, por favor, Super-Blomkvist! — disparou o enviado de um dos jornais vespertinos.

Mikael Blomkvist, cujo nome completo era Carl Mikael Blomkvist, forçou-se a não levantar os olhos para o céu como fazia todas as vezes que ouvia esse apelido. Certa vez, vinte anos antes, quando tinha vinte e três anos e ini-

ciava-se na profissão de jornalista como substituto de férias de verão, Mikael Blomkvist descobrira por acaso uma gangue de assaltantes de bancos, autores de cinco ações violentas muito noticiadas naqueles últimos dois anos. Tratava-se, com toda a certeza, do mesmo grupo; sua especialidade era chegar de carro em cidades pequenas e assaltar um ou dois bancos com precisão militar. Usavam máscaras de borracha dos personagens de Walt Disney e foram batizados — segundo uma lógica policial não de todo absurda — de o Bando do Pato Donald. Os jornais, porém, preferiram chamá-los de os Irmãos Metralha, apelido um pouco mais sério, já que em duas ocasiões haviam disparado, sem escrúpulos, tiros de advertência, sem se importar com a segurança das pessoas, ameaçando transeuntes e curiosos.

O sexto ataque à mão armada ocorreu num banco de Östergötland, em pleno verão. Um repórter da rádio local achava-se no banco no momento do assalto e reagiu de acordo com as regras da profissão. Assim que os assaltantes deixaram o banco, ele correu até uma cabine telefônica e se comunicou com a rádio para transmitir ao vivo a informação.

Mikael Blomkvist passava alguns dias com uma amiga na casa de campo dos pais dela, não muito distante de Katrineholm. Quando a polícia o interrogou, ele não soube dizer exatamente por que fizera a ligação, mas no momento em que escutava as informações no rádio lembrou-se de quatro sujeitos numa casa de veraneio a poucas centenas de metros dali. Já os vira dois dias antes, quando passeava com a amiga: os sujeitos jogavam *badminton* no jardim.

Ele vira apenas quatro jovens louros e atléticos, de bermuda e peito nu, visivelmente adeptos do *body-building*, mas algo nesses jogadores de *badminton* o fizera olhar uma segunda vez — talvez porque jogassem, sob um sol escaldante, com uma energia e uma violência espantosas. Não parecia um jogo, e isso chamara a atenção de Mikael.

Não havia nenhum motivo racional para suspeitar que aqueles homens fossem os assaltantes do banco; no entanto, depois do *flash* na rádio, Mikael Blomkvist saiu para dar uma volta e se posicionou numa colina com vista para a casa, de onde constatou que tudo ali parecia vazio até o momento. Depois de uns quarenta minutos, ele viu o grupo chegar num Volvo e estacionar. Pareciam apressados, cada um carregava uma sacola, o que apenas podia significar que eles haviam saído para tomar banho em algum lugar. Mas um deles voltou ao carro e pegou um objeto, que se apressou a cobrir com o blusão do

abrigo. Mesmo de seu posto de observação relativamente afastado, Mikael viu que se tratava de um rifle AK4, do tipo dos que ele mesmo manipulara havia não muito tempo durante seu ano de serviço militar. Foi o que o levou a chamar a polícia e a relatar suas observações. Começaram então três dias de uma intensa vigilância da casa, com Mikael na primeira fila, sustentado por copiosos honorários de *freelance* pagos por um dos jornais vespertinos. A polícia montou seu quartel-general num *trailer* estacionado no terreno da casa de campo onde Mikael passava férias.

O caso dos Irmãos Metralha deu a Mikael a incontestável condição de vedete, que ele tanto necessitava como jornalista iniciante. O reverso da celebridade foi que o outro jornal vespertino não pôde deixar de dar a manchete: “Super-Blomkvist resolve o mistério dos Metralha”. O texto gozador, escrito por uma redatora não muito jovem, continha várias referências ao herói dos romances juvenis de Astrid Lindgren. Para completar, o jornal ilustrava o artigo com uma foto não muito clara, em que Mikael, de boca aberta e dedo indicador erguido, parecia dar instruções a um policial de uniforme. Na realidade, o que ele indicava nesse momento eram os sanitários no fundo do jardim.

A partir desse dia, para seu grande desespero, seus colegas jornalistas passaram a chamá-lo de Super-Blomkvist. Era um apelido pronunciado com um toque malicioso, nunca maldoso, mas também nunca verdadeiramente carinhoso. Ele não tinha nada contra a pobre Astrid Lindgren — adorava seus livros e as aventuras de seu jovem herói detetive —, porém detestava o apelido. Haviam sido necessários vários anos e méritos jornalísticos bem mais consistentes para que o apelido comesse a se diluir, e Mikael ainda hoje se contraía toda vez que o chamavam de Super-Blomkvist.

Assim, armou um sorriso tranqüilo e olhou o enviado do jornal vespertino bem nos olhos.

— Você só precisa inventar alguma coisa. Não é o que costuma fazer quando escreve?

O tom não era áspero. Todos se conheciam um pouco, e os críticos mais ferrenhos de Mikael não tinham vindo. Ele já havia trabalhado com um dos rapazes que estavam ali; quanto à moça da tv4, por pouco não transara com ela numa festa anos antes.

— Eles não acreditaram em você — constatou o *Dagens Industri*, que parecia ter enviado um foca.

— Pode-se dizer que sim — reconheceu Mikael. Dificilmente poderia responder outra coisa.

— Como está se sentindo?

Apesar da gravidade da situação, nem Mikael nem os jornalistas credenciados puderam deixar de esboçar um sorriso ao ouvir a pergunta. Mikael trocou um olhar com a moça da tv4. *Como está se sentindo?* Pergunta que os jornalistas sérios dizem ser a única que os repórteres esportivos sabem fazer ao Esportista Sem Fôlego que cruzou a linha de chegada. Mas ele voltou a ficar sério.

— É evidente que só posso lamentar que o tribunal não tenha chegado a outras conclusões — respondeu um tanto formal.

— Três meses de prisão e cento e cinqüenta mil coroas por perdas e danos. Não é pouco — disse a moça da tv4.

— Sobreviverei.

— Você pretende se desculpar com Wennerström, apertar-lhe a mão?

— Não, nem imagino uma coisa dessas. Minha opinião sobre a moralidade do senhor Wennerström nos negócios não mudou muito.

— Então continua afirmando que ele é um escroque? — perguntou vivamente o *Dagens Industri*.

Uma declaração acompanhada de uma manchete potencialmente devastadora anunciava-se por trás da pergunta, e Mikael poderia ter pisado na casca de banana se o repórter não tivesse assinalado o perigo ao avançar o microfone com demasiada pressa. Ele refletiu sobre a resposta por alguns segundos.

O tribunal acabara de concluir que Mikael Blomkvist caluniara o financista Hans-Erik Wennerström. Ele fora condenado por difamação. O processo terminara e Mikael não pretendia recorrer. Mas o que aconteceria se, por imprudência, reiterasse suas acusações ao sair da sala do tribunal? Decidiu que não tinha vontade de saber.

— Julguei ter tido boas razões para publicar as informações de que eu dispunha. A opinião do tribunal foi outra e evidentemente sou obrigado a aceitar que o processo siga seu curso. Agora vamos discutir esse julgamento a fundo na redação da revista antes de decidir o que faremos. Não posso dizer mais nada.

— Mas você está esquecendo que nós, como jornalistas, devemos ter como provar nossas afirmações — disse a moça da tv4 com um tom de voz levemente cáustico. Ponto difícil de contestar. Eles haviam sido amigos. Ela exibia um rosto neutro, mas Mikael teve a impressão de vislumbrar uma sombra de decepção em seus olhos.

Ainda durante alguns dolorosos minutos, Mikael Blomkvist respondeu às perguntas. A que pairava no ar e que nenhum repórter decidia-se a fazer — talvez porque de tão incompreensível se tornava incômoda — era como Mikael pudera escrever um texto tão sem substância. Os repórteres ali presentes, com exceção do foca do *Dagens Industri*, eram todos veteranos, com grande experiência profissional. Para eles, a resposta a essa pergunta achava-se além do limite do compreensível.

A moça da tv4 pediu que ele ficasse em frente à porta do Palácio de Justiça e fez suas perguntas à parte, diante da câmera. Ela foi mais amável do que ele merecia, e Mikael deu declarações suficientes para satisfazer a todos os jornalistas. O caso renderia grandes manchetes — era inevitável —, mas ele se forçou a pôr na cabeça que não se tratava, de modo algum, do maior acontecimento do ano na mídia. Quando os repórteres conseguiram o que queriam, foram embora para suas respectivas redações.

Tinha a intenção de voltar a pé para casa, mas ventava muito naquele dia de dezembro e ele sentia frio. Ao sair sozinho do Palácio de Justiça, viu William Borg descer de um carro no qual permanecera durante a entrevista. Seus olhares se cruzaram, William Borg exibia um grande sorriso.

— Valeu a pena vir até aqui para vê-lo com esse documento na mão.

Mikael não respondeu. William Borg e Mikael Blomkvist se conheciam havia quinze anos. Durante algum tempo trabalharam juntos como jornalistas substitutos na seção de economia de um diário matutino. Talvez pela falta de química entre os dois, esse período estabeleceu uma hostilidade permanente entre eles. Aos olhos de Mikael, Borg era um jornalista execrável, um sujeito fatigante e vingativo, de espírito curto, que aborrecia os que estavam a sua volta com gracejos imbecis e que insinuava desprezo pelos jornalistas mais velhos, portanto mais experientes. Borg parecia ter particular aversão por jornalistas mulheres de uma certa idade. Eles discutiram uma primeira

vez, depois outras, até que suas diferenças adquiriram um caráter profundamente pessoal.

No decorrer dos anos, Mikael e Borg haviam se cruzado com regularidade, mas só se indispuseram de fato no final dos anos 1990. Mikael escrevera um livro sobre jornalismo econômico e extraíra mais de uma citação absurda dos artigos assinados por Borg. Segundo Mikael, Borg era um presunçoso que entendera de maneira errada a maior parte das informações e elevara às nuvens empresas “pontocom” que não tardariam a sucumbir. Borg não gostou da crítica de Mikael e, quando se encontraram por acaso num bar em Söder, por pouco não chegaram às vias de fato. Borg abandonara o jornalismo e agora trabalhava como relações-públicas, recebendo um salário consideravelmente mais alto, numa empresa que, para completar, pertencia à esfera de interesses do industrial Hans-Erik Wennerström.

Eles se encararam por um bom tempo antes de Mikael virar as costas e ir embora. Vir ao Palácio com a única finalidade de tirar um sarro era bem típico de Borg.

Mikael tinha começado a caminhar quando o 40 chegou e ele subiu no ônibus, antes de mais nada para sair dali. Desceu em Fridhemsplan e ficou indeciso no abrigo de ônibus, sempre segurando na mão a cópia de sua sentença. Decidiu enfim ir a pé até o café Anna, ao lado da garagem da delegacia.

Menos de um minuto depois de pedir um *caffè latte* e um sanduíche, o noticiário do meio-dia começou pelo rádio. O assunto foi o terceiro, depois de um atentado suicida em Jerusalém e da notícia de que o governo formara uma comissão de inquérito para investigar aparentes cartéis ilícitos na construção civil.

O jornalista Mikael Blomkvist, da revista *Millennium*, foi condenado nesta sexta-feira a três meses de prisão por difamação contra o industrial Hans-Erik Wennerström. Num artigo sobre o suposto caso Mínos, que há alguns meses chocou a opinião pública, Blomkvist acusava Wennerström de ter desviado fundos sociais, destinados a investimentos industriais na Polônia, para o tráfico de armas. Mikael Blomkvist também foi condenado a pagar cento e cinquenta mil coroas por perdas e danos. O advogado de Wennerström, Bertil Camnermarker, disse que seu cliente estava satisfeito com a sentença. “Trata-se de um caso de difamação particularmente grave”, declarou.

A sentença ocupava vinte e seis páginas. Ela apresentava as razões pelas quais Mikael fora julgado culpado em quinze pontos, por difamação agravada contra o financista Hans-Erik Wennerström. Mikael constatou que cada uma das acusações que o condenavam custava dez mil coroas e seis dias de prisão. Sem contar as custas do processo e suas próprias custas com advogado. Ele não tinha sequer a coragem de começar a refletir sobre o tamanho da conta, mas também dizia a si mesmo que podia ter sido pior; o tribunal o inocentara em sete itens.

À medida que lia o enunciado da sentença, uma sensação de peso cada vez mais desagradável ia se instalando em seu estômago. Ficou surpreso com isso. Desde o início do processo, sabia que só um milagre o livraria da condenação. Não tinha a menor dúvida a respeito e acostumara-se com a idéia. Permanecera com o espírito relativamente tranqüilo durante os dois dias em que transcorreria o julgamento, e por onze dias esperou, sem sentir nada de especial, que o tribunal acabasse de refletir e formulasse o texto que ele segurava na mão. Mas só agora, encerrado o julgamento, é que o mal-estar se insinuara.

Mordeu um pedaço do sanduíche, mas o pão pareceu inchar dentro de sua boca. Teve dificuldade de engolir e o cuspiu no prato.

Era a primeira vez que Mikael Blomkvist era condenado por um delito — a primeira vez que se via acusado de alguma coisa ou chamado a comparecer em juízo. Pensando bem, a sentença era insignificante. Um delito peso-pena. Afinal, não se tratava de roubo à mão armada, de assassinato ou estupro. Mas, do ponto de vista financeiro, a condenação teria conseqüências. A *Millennium* não era nenhum carro-chefe do mundo da mídia, nem dotada de recursos ilimitados — a revista atuava com uma estreita margem de lucro —, mas a condenação também não era uma catástrofe. O problema é que Mikael era ao mesmo tempo um dos acionistas da *Millennium* e, estupidamente, redator e editor responsável pela publicação. Ele pretendia tirar do próprio bolso as cento e cinqüenta mil coroas por perdas e danos, o que reduziria a zero sua poupança. A revista se encarregaria dos custos judiciais. Navegando com perspicácia, dava para seguir em frente.

Ocorreu-lhe vender o apartamento, mas essa hipótese ficou atravessada em sua garganta. No final dos felizes anos 1980, numa época em que tinha emprego fixo e um salário relativamente alto, adquirira um imóvel. Visitou uma porção de apartamentos e recusou todos, até encontrar uma água-furtada

de sessenta e cinco metros quadrados, bem no começo da Bellmansgatan. O ex-proprietário havia começado a transformá-la em algo habitável, mas fora contratado por uma empresa de informática no exterior e Mikael adquiriu seu projeto de reforma por um preço irrisório.

Mikael não quis plantas desenhadas por arquitetos, preferiu ele mesmo terminar as obras, reservando dinheiro para a cozinha e o banheiro, e deixando o resto como estava. Em vez de substituir o piso e instalar divisórias para criar dois ambientes, poliu o assoalho, passou cal nas grosseiras paredes originais e cobriu os defeitos mais graves com algumas aquarelas de Emanuel Bernstone. O resultado foi um *loft* arejado, com um quarto atrás de uma estante de livros, um canto para refeições e uma sala com uma pequena cozinha americana. O apartamento tinha duas janelas de mansarda e outra triangular com vista para os telhados, para as águas do Riddarfjärden e para a cidade velha. Ele até podia avistar uma ponta do Slussen e do paço municipal. Levando em conta os preços de mercado, agora ele não podia mais pagar um apartamento como aquele, por isso tinha muita vontade de conservá-lo.

Mas o risco de perder o apartamento não era nada comparado à enorme bofetada profissional que sofrera, cujos danos levaria algum tempo para reparar, supondo que fossem reparáveis.

Era uma questão de confiança. Num futuro próximo, muitos redatores hesitariam em publicar artigos em sua revista. Ele ainda tinha amigos capazes de entender que fora vítima do azar e das circunstâncias, mas não poderia mais se dar ao luxo de cometer o menor erro.

O mais doloroso, porém, era a humilhação.

Tivera todos os trunfos na mão, mas perdera para uma espécie de gângster vestido de Armani. Um especulador safado. Um *yuppie* defendido por um advogado do *jet-set* que passou o processo inteiro rindo.

Como as coisas tinham dado tão errado?

O caso Wenneström, no entanto, começara de forma bastante promissora um ano e meio antes na cabine de um veleiro Mälär-30 amarelo, numa noite de São João. Tudo porque o acaso fizera um ex-colega seu jornalista, na época relações-públicas da prefeitura, alugar um Scampi, sem muito refletir, para impressionar a mais recente namorada, levando-a a um cruzeiro romântico

de alguns dias pelo arquipélago de Estocolmo. A garota, que tinha vindo de Hallstahammar para estudar em Estocolmo, após certa resistência, concordou em ir, mas com a condição de que sua irmã e o namorado dela também fossem. O problema é que os três nunca tinham estado num veleiro, e o relações-públicas era um marujo mais entusiasmado que experiente. Três dias antes da partida, desesperado, ele chamou Mikael e o convenceu a ser o quinto tripulante, por ter mais experiência que ele em navegação.

A princípio reticente, Mikael acabou cedendo diante da oportunidade de ter pela frente alguns dias de descanso no arquipélago e da anunciada perspectiva de boa comida e companhia agradável. As promessas se revelaram falsas, e o cruzeiro acabou sendo uma catástrofe que superou seus piores pesadelos. Eles haviam navegado, a menos de dez nós, de Bullandö até o estreito de Furusund — bonito, é verdade, mas pouco excitante —, o que não impediu que a namorada do relações-públicas enjoasse desde o início. Sua irmã brigou com o namorado e ninguém mostrava o menor interesse em aprender o mínimo que fosse de navegação. Logo ficou evidente que esperavam que Mikael fizesse o barco funcionar, enquanto eles se limitavam a dar conselhos bem-intencionados porém totalmente inúteis. Após a primeira noite ancorado numa enseada de Ängsö, ele estava decidido a descer em Furusund e pegar o primeiro ônibus de volta para casa. Somente as súplicas desesperadas do relações-públicas o convenceram a permanecer a bordo.

Na manhã seguinte, por volta do meio-dia, cedo ainda para que encontrassem alguns lugares, eles atracaram ao cais dos visitantes em Arholma. Prepararam uma refeição e tinham acabado de comer quando Mikael avistou um M-30 com casco de poliéster entrando na enseada com apenas a vela mestra. O barco deu uma volta tranqüila enquanto seu piloto procurava uma vaga no cais. Mikael deu uma olhada ao redor e constatou que o espaço entre o seu Scampi e um iate a estibordo era provavelmente o único lugar disponível, suficiente e na medida exata, para o estreito M-30. Foi até a proa e agitou o braço; o piloto do M-30 ergueu a mão em sinal de agradecimento e virou em direção ao cais. Um solitário que não usa o motor para atracar, observou Mikael. Ele ouviu o ruído da corrente da âncora e, segundos depois, a vela mestra foi arriada, enquanto o piloto saltava de um lado a outro para manter o leme em posição e, ao mesmo tempo, preparar a ancoragem na proa.

Mikael saltou para o cais e estendeu a mão para oferecer ajuda. O recém-chegado corrigiu a rota uma última vez e o barco veio com seu impulso colocar-se suavemente ao longo do Scampi. No momento em que o piloto lançou a amarra a Mikael, eles se reconheceram e sorriram, encantados.

— Olá, Robban — disse Mikael. — Se utilizasse o motor, evitaria arrastar outros barcos no porto.

— Olá, Micke. Eu disse a mim mesmo que conhecia esse cara. Sabe, eu teria usado o motor se tivesse conseguido fazê-lo funcionar. Essa droga pifou há dois dias perto de Rödöga.

Apertaram-se as mãos por cima da amurada.

Uma eternidade antes, no colégio de Kungsholmen nos anos 1970, Mikael Blomkvist e Robert Lindberg haviam sido companheiros, e até mesmo muito bons amigos. Como acontece com frequência entre velhos colegas de escola, a amizade acabou depois da conclusão do secundário. Cada um seguiu seu caminho e eles se viram raras vezes nos vinte anos seguintes. O último encontro antes deste, inesperado, no cais de Arholma, ocorrera sete ou oito anos atrás. Agora os dois se examinavam com curiosidade. Robert estava bronzeado, com cabelos emaranhados e uma barba de quinze dias.

De repente, Mikael recobrou o ânimo. Quando o relações-públicas e seu bando de imbecis partiram para dançar em volta do mastro de São João erguido diante do armazém, do outro lado da ilha, ele ficou na cabine do M-30 batendo papo com seu velho companheiro de colégio, em volta do tradicional arenque regado a aquavita.

À noite, em dado momento, depois de muitos tragos e de terem desistido de lutar contra os tristemente famosos mosquitos de Arholma e irem se refugiar na cabine, a conversa se transformou numa altercação amistosa sobre a moralidade e a ética no mundo dos negócios. Os dois tinham escolhido carreiras que, de um modo ou de outro, estavam focalizadas nas finanças do país. Robert Lindberg passara do colégio aos estudos de comércio e depois ao mundo financeiro. Mikael Blomkvist cursara a faculdade de jornalismo e dedicara grande parte de sua vida a denunciar negócios duvidosos justamente do mundo financeiro. A conversa girava em torno da imoralidade de alguns pára-quedas dourados (as famosas indenizações milionárias de demissão) surgidos

ao longo dos anos 1990. Depois de ter valentemente defendido alguns dos mais espetaculares, Lindberg acabou admitindo, a contragosto, que no mundo das finanças provavelmente havia alguns especuladores corruptos disfarçados. Ele ficou sério de repente e olhou Mikael bem nos olhos.

— Já que você é jornalista investigativo e vasculha delitos econômicos, por que não escreve alguma coisa sobre Hans-Erik Wennerström?

— Não sabia que havia algo a escrever sobre ele.

— Pelo amor de Deus, que espécie de bisbilhoteiro você é? Então não conhece o programa CAI?

— Bem, era uma espécie de programa de apoio, nos anos 1990, para reabilitar a indústria dos ex-países do Leste Europeu. Foi extinto há alguns anos. Nunca escrevi nada a respeito.

— Isso, CAI, Comitê de Apoio Industrial. O projeto tinha o aval do governo, e a tramóia era gerenciada por representantes de uma dezena de grandes empresas suecas. O CAI obteve garantias do Estado para uma série de projetos firmados em acordos com os governos da Polônia e dos países bálticos. A confederação operária participava, para garantir que o movimento operário dos países do Leste Europeu se fortalecesse graças ao modelo sueco. Na teoria, o projeto significava um apoio baseado no princípio de ajuda ao desenvolvimento, e supostamente oferecia aos regimes do Leste Europeu uma possibilidade de sanear suas economias. Na prática, equivalia a conceder subvenções do Estado para que empresas suecas estabelecessem parcerias com empresas do Leste Europeu. Lembra daquele ministro cristão cretino? Era um defensor ardoroso do CAI. Falava-se de construir uma fábrica de papel na Cracóvia, de restabelecer a indústria metalúrgica em Riga, de montar uma usina de cimento em Tallinn, e por aí afora. O dinheiro era distribuído pelo conselho do CAI, exclusivamente formado por pesos pesados do mundo financeiro e industrial.

— Ou seja, dinheiro do contribuinte?

— Cerca de cinquenta por cento eram subvenções do Estado, o resto vinha dos bancos e da indústria. Mas não se pode realmente falar de uma atividade desinteressada. Os bancos e as empresas contavam com um lucro consistente, caso contrário não teriam por que se lançar no negócio.

— Qual era o montante desses fundos?

— Espere um minuto, escute. O CAI era constituído principalmente por

empresas suecas sólidas, desejosas de penetrar no mercado do Leste Europeu. Empresas de peso, como ABB, Skanska e outras do gênero. Nada de capital especulativo, se entende o que quero dizer.

— Você está dizendo que a Skanska não faz especulação? Como explicar então a demissão de seu diretor-executivo, depois que um de seus rapazes perdeu meio bilhão especulando com títulos de curto prazo? E como não rir de seus negócios imobiliários histéricos em Londres e Oslo?

— Sim, claro, há cretinos em todas as empresas do mundo, mas você sabe o que estou querendo dizer. Trata-se de empresas que pelo menos produzem alguma coisa. A coluna vertebral da indústria sueca, como se diz.

— E Wennerström, onde ele entra no esquema?

— Wennerström é o curinga da história. Ou seja, um cara surgido do nada, sem nenhum passado na indústria pesada e que, na realidade, nada tem a ver com esse meio. Mas ele acumulou uma fortuna colossal na Bolsa e investiu em empresas estáveis. Entrou, por assim dizer, pela porta de serviço.

Mikael tornou a encher seu copo com a aquavita Reimersholms e inclinou-se para trás na cadeira, refletindo sobre o que sabia a respeito de Wennerström. Era magro. Nascido na região do Norrland, onde criou uma empresa de investimentos nos anos 1970, juntou algum dinheiro e se transferiu para Estocolmo, fazendo ali uma carreira fulgurante nos gloriosos anos 1980. Criou o Wennerströmgruppen, rebatizado de Wennerström Group quando foram abertos os escritórios de Londres e Nova York, e quando nos jornais a empresa começou a ser mencionada no mesmo nível que a Beijer. Negociando com ações, participações e operações rápidas, passou a figurar na imprensa VIP como um dos novos bilionários suecos, proprietário de um *loft* em Strandwägen, de uma suntuosa residência de verão em Värmdö e de um iate de vinte e três metros, comprado de uma ex-estrela do tênis em decadência. Um calculista esperto, certamente, mas os anos 1980 foram sobretudo a década dos calculistas e dos especuladores imobiliários, e Wennerström não se destacou mais que os outros. Pelo contrário, permaneceu de certo modo à sombra dos figurões. Não tinha a lábia de um Stenbeck nem se exibia na imprensa como Barnevik. Desprezando os bens imobiliários, focalizou seu interesse em investimentos maciços no ex-bloco do Leste Europeu. Quando, nos anos 1990, a bolha murchou e os empresários foram obrigados, um após outro, a recolher seus pára-quedas dourados, as empresas de Wennerström continuaram em ótimo

estado. Nenhuma sombra de escândalo. A *Swedish success story*, foi assim que o *Financial Times* resumiu seu caso.

— Foi em 1992 que Wennerström, de repente, recorreu ao CAI. Ele precisava de ajuda financeira. Apresentou um projeto que aparentemente atendia gente interessada na Polônia: tratava-se de estabelecer um setor de fabricação de embalagens para a indústria alimentícia.

— Quer dizer, uma fábrica de latas de conserva?

— Não exatamente, mas algo do tipo. Não faço a menor idéia das pessoas que ele conhecia no CAI, mas saiu de lá com sessenta milhões de coroas no bolso, sem problema.

— A história começa a me interessar. Deixe-me adivinhar: ninguém mais voltou a ver a cor desse dinheiro.

— Errado — disse Robert Lindberg.

E sorriu como quem sabe das coisas, antes de beber as últimas gotas de sua aquavita.

— O que se passou depois foi o clássico em matéria de balanço financeiro. Wennerström de fato montou uma fábrica de embalagens na Polônia, mais precisamente em Lodz. A empresa chamava-se Minos. O CAI recebeu alguns relatórios entusiasmados em 1993. E então, em 1994, a Minos faliu de repente.